

## RECONSTRUÍDO A MEMÓRIA DE UM OFÍCIO: AS AMAS-DE-LEITE NO MERCADO DE TRABALHO URBANO DO RIO DE JANEIRO (1820-1880)

Bárbara Canedo R. Martins\*

Recebido em 20/11/2012  
Aprovado em 17/12/2012

**Resumo:** *O trabalho a ser apresentado é uma investigação sobre amas-de-leite, relações de gênero e mercado de trabalho no Rio de Janeiro escravista do século XIX. Acompanhando perspectivas teórico - metodológicas mais recentes nos estudos sobre história das mulheres e escravidão no Brasil levantamos questões a respeito de imagens construídas num cenário escravista urbano. Representações, símbolos e significados diversos sobre as práticas das amas-de-leite, o papel social desempenhado, o cotidiano da ocupação vão sendo identificadas, assim como as classificações sócio-raciais processadas diante das relações senhor-escravo.*

**Palavras-chave:** *escravidão; amas-de-leite; mercado de trabalho feminino*

**Abstract:** *The investigation concerning the wet nurses and workforce in Rio de Janeiro at the XIX century. In accordance with the most recent theoretical and methodological perspectives in the studies of women and slavery in Brazil, there were posed some questions about the images built at an urban scenario. Representations, distinct symbols and connotations on the wet nurses' practice, the role they fulfilled in this society, their daily occupations, etc, all of this was identified as well as the classifications based on the social structure and race that were set in motion before the relations developed between the landlord and his slaves.*

**Key-words:** *slavery; the wet nurses; feminine urban workforce*

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentém, nenen, tató, papó, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco.

---

\* Mestre em História Comparada – PPGHC – UFRJ. Professora de História da SEEDUC.  
[bbcancedo@hotmail.com](mailto:bbcancedo@hotmail.com)

Mesmo a língua falada conservou-se por algum tempo dividida em duas: uma, das casas-grandes; outra, das senzalas. Mas a aliança da ama negra com o menino branco, da mucama com a sinhá-moça, do sinhozinho com o muleque acabou com essa dualidade. Não foi possível separar a cacos de vidro de preconceitos puristas forças que tão freqüente e intimamente confraternizavam. (FREYRE, 1980: 331-333)

As palavras de Gilberto Freyre, destacadas acima, foram por muito tempo uma das formas de se afirmar sobre a inexistência de racismo no país, ou melhor, de corroborar sobre as relações raciais harmônicas, permitindo a criação de algo único para o Brasil, distantes dos conflitos raciais engendrados nos Estados Unidos. Aliás, a comparação entre a situação do Brasil e dos Estados Unidos esteve sempre no cerne das pesquisas para o entendimento das diferenças da população negra nestes dois países, influenciando uma série de estudos (GOMES, 2006). Segundo Hebe Mattos, “a avassaladora crítica do mito da democracia racial no Brasil desde os anos de 1960 teria no livro de Tannenbaum um dos seus alvos preferenciais, juntamente com *Casa-grande & senzala*”(COOPER; HOLT; SCOTT, 2005:19).

Além disso, gostaríamos de destacar o quanto a figura da ama negra era um dos pilares da hipótese de Freyre, mais do que o veículo para germes, doenças e superstições africanas (como destacavam os higienistas do século XIX).O autor afirma que “recebeu [o menino branco] também nos afagos da mucama a revelação de uma bondade porventura maior que a dos brancos; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros” (FREYRE, 1980: 355),algo que produziria em nós brasileiros um amálgama de valores e sentimentos irreproduzíveis em outras colônias e irrealizáveis por outros colonizadores. A memória da ama-de-leite negra foi reconduzida e apropriada por diferentes movimentos sociaistalvez uma década antes do próprio Freyre, como aponta Micol Siegel (2007) ao analisar as disputas e semelhanças ao redor da construção do monumento a mãe preta. Aí, mais uma vez, a comparaçãosurge como uma alternativa de testar a perspectiva transnacional já que “o movimento para a construção do monumento à mãe preta alimentou por um completo fluxo de ideias entre o Brasil e o restante do mundo, especialmente os Estados Unidos” (SIEGEL, 2007: 316-317).

Uma de nossas principais intenções neste artigo é de alguma maneira, contribuir para a transformação da imagem da ama-de-leite, trazendo novos aspectos acerca de suas relações possíveis dentro do cenário urbano da Corte do Rio de Janeiro, durante o século XIX. Compreendemos assim, a ama-de-leite como uma das funções possíveis para a mulher escrava ou livre no mercado de trabalho. Para tal procuramos entender aspectos, sentidos e significados que assumiram determinadas qualidades apontadas por anúncios de jornais, bem como compará-los aquelas trazidas pela literatura dos viajantes estrangeiros que permaneceram no país, durante o período abordado.

Desse modo, procuramos relativizar algumas afirmativas acerca das amas-de-leite que ora procuram enfatizar sua posição privilegiada diante do restante da escravaria doméstica, ora destacam sua situação de máxima exploração e violência ao terem negada a sua “condição de maternidade” (MOTT, 1989: 36-39). A pretensa proximidade do núcleo familiar que tais mulheres poderiam usufruir, por estarem amamentando o filho do senhor, ganha contornos políticos com colorações ideológicas das mais variadas. Se, por um lado, elas poderiam desfrutar de uma posição melhor em relação aos outros escravos da casa, por outro, sofriam com a maior vigilância, ou mesmo ficavam presas, devido a necessidade dos seus serviços, tornando-se, algumas vezes, insubstituíveis para seus senhores (MOTT, 1989). Mesmo assim, acreditamos que as amas não estariam isoladas dos demais grupos de escravos. Talvez, elas fizessem de tais contatos mais íntimos com a família de senhores e locadores a possibilidade de manterem maiores formas de negociação de condições de trabalho, conquistando até a alforria. As amas-de-leite mais do que símbolos da candura ou da violência perpetradas pelas relações escravistas, precisam ser analisadas diante do cotidiano do trabalho ao qual estavam inseridas tais mulheres, matizando com muitas cores e possibilidades tais experiências.

Aliás, encontramos no conceito de experiência trazido por E. P. Thompson a forma pelo qual adotamos uma forma de análise possível para o nosso objeto. Para este autor a noção de *experiência* é definida pela posição do indivíduo na organização social. Existência e atitude fundamentam tal ideia, pois cada um está marcado por relações sociais engendradas em uma cultura específica. O papel de sujeito histórico das classes populares ganha coerência de acordo com motivações e práticas próprias que podem

denunciar valores e relações dentro da comunidade. Desse modo, o senso de pertencimento oferece legitimidade às mesmas. Portanto, comportamentos e experiências podem revelar significados e sentidos sobre as organizações comunitárias. A categoria da obra de E.P.Thompson mencionada em análise sobre as classes populares estão de acordo com as novas preocupações da história social da escravidão.<sup>1</sup>A proximidade viável entre a abordagem de Thompson e os estudos sobre a escravidão e as classes subalternas não só é garantida por uma profunda relação na produção historiográfica revolvendo os temas com abordagens cristalizadas, levantando novas questões, mas também porque introduz novas concepções em variados aspectos, tanto no que diz respeito ao tratamento com as fontes, como também na concepção das investigações. A decisiva colaboração teórica e metodológica da visão de Thompson aponta para uma nova abordagem de investigação na relação senhor - escravo, pois os termos abstratos e generalizantes pouco ajudam na análise da experiência escrava e feminina na história da escravidão no Brasil. Segundo Lara, seja qual for o tema histórico, ou tratando-se das relações entre senhores e escravos, devemos lembrar tal como Thompson, “que as relações históricas são construídas por homens e mulheres num movimento constante, tecidas através das lutas, conflitos, resistências e acomodações, cheias de ambiguidades” (LARA, 1995: 45-46).

Uma das principais questões da nossa abordagem insere-se no mercado de trabalho urbano, visto a significativa alteração da composição étnica da população do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Ocorre no mercado de serviços domésticos aumento considerável de concorrência entre escravas, libertas e livres. Entre as décadas de 1830 e 1840, os escravos urbanos representavam da metade a dois quintos do total de habitantes. Em 1838 os cativos da Corte figuravam como 42,7% da sociedade carioca, ou seja, 58.553 de cativos. O número absoluto dos mesmos tendeu a crescer, para o ano de 1849 são registrados no censo 110.302 escravos para uma população de 266 mil habitantes (perfazendo maioria nas freguesias suburbanas, representando 56 % do total).<sup>2</sup> Convém lembrar o quanto estes números são significativos, pois os anos que atingiram tamanha proporção demográfica estiveram compreendidos entre aqueles posteriores a proibição do tráfico transatlântico. O impacto da escravidão na população da Corte é mais expressivo se considerarmos o centro nervoso da capital. Segundo

Alencastro, na década de 1850 os escravos das freguesias centrais do município alcançavam cerca de 38% da população, ou melhor, 79 mil habitantes. Interessante notar que a presença africana (entre livres e escravos) traduz-se em números significativos, cerca de 74 mil. Para cada três habitantes do mundo urbano, um era africano. Tais números podem estar abaixo do esperado, caso consideremos a intenção de alguns proprietários em encobrir a origem africana de seus cativos a fim de se esquivarem da acusação de contrabando (ALENCASTRO, 2000: 24-26). Com a abolição do tráfico internacional e o fluxo de venda de escravos deslocando-o para a fazenda, a escravidão urbana tendeu a declinar. Já em 1870, apenas 21,3% da população era considerada escrava. Mesmo assim, em 1872, escravos, pretos e pardos livres representavam cerca de 37,7 % do total da população geral (KARASCH, 2000: 106-110).

Diante da expressiva presença de escravos na cidade, uma das maiores preocupações dos administradores da Corte era o controle dos cativos em razão dos temores de proprietários e demais autoridades de insurreições escravas.<sup>3</sup> A possibilidade de uma revolta geral da população negra e mulata – como ocorreu em São Domingos – foi reforçada por uma série de revoltas escravas, especialmente a dos Malês, em 1835. Neste episódio, os africanos ocidentais foram os principais articuladores do movimento que envolveu diferentes segmentos da população, entre livres, libertos e cativos (REIS, 2003).

No fluxo de tais transformações, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se um grande porto de exportação, redistribuição e centro comercial do Império. Por se tornar polo atrativo de oportunidades de serviços e empregos, a cidade apresentava grande taxa de crescimento populacional, representada pela migração europeia e a introdução sempre crescente de escravos, tanto para atender a centros de demanda em pleno desenvolvimento da atividade agrícola, como também para implementar crescimento das atividades urbanas.<sup>4</sup> Tais condições provocaram transformações no ofício desempenhado por amas-de-leite e reelaboraram marcas e sentidos.

### **Descortinando práticas: os olhares sobre o ofício**

Mesmo que a presença da escrava ama-de-leite na família patriarcal estivesse localizada no tempo e no espaço, a sua representatividade e significado não se esgotam. A imagem da ama-de-leite é até hoje reapropriada e reelaborada em movimentos sociais, ou mesmo por alguns historiadores, que a veem como um símbolo de expropriação do sistema escravista sobre a mulher cativa.<sup>5</sup>

Os jornais, ao longo do século XIX, constituíram dimensões diversas como veículos da produção de valores e significados culturais da sociedade carioca. As seções de anúncios nos periódicos ocuparam grande parte deles, evidenciando que a base de sua sustentação econômica podia ser garantida por meio de publicidade. Há anúncios dos mais variados serviços e objetos vinculados ao comércio interno, além daqueles sobre os escravos fugidos. A importância dos anúncios de compra, venda e aluguel de amas-de-leite e escravas é traduzida pela diferença do discurso presente neles, caracterizado por sua linguagem mais pessoal e cotidiana (FREYRE, 1979). Por si só denunciavam a quantidade e a variedade de serviços domésticos ocupados por mulheres escravas, forras ou livres, que poderiam estar empregadas. Escolhemos para a nossa pesquisa um conjunto qualitativo de anúncios do *Jornal do Commercio* do século XIX. As amas-de-leite surgem como uma ocupação feminina naturalizada nos anúncios. Estes poderiam aparecer sobre diversas formas e possuíam requisitos variados para as amas. Tal característica supõe o quanto a utilização de amas-de-leite era disseminada na sociedade carioca. Ao considerarmos os anúncios, percebemos ainda a improvisação e informalidade no exercício das ocupações domésticas femininas, como igualmente a permanente redefinição das mesmas diante das relações que envolvem constantes negociações e conflitos (EL-KAREH, 2004:10-11).

Considerando a investigação de anúncios de jornais das amas-de-leite, acreditamos na flexibilização das variadas estruturas e hierarquias domésticas. Ou seja, as amas-de-leite exerciam outras funções não ligadas apenas à amamentação e à educação infantil. O que nos faz relativizar o destaque das mesmas perante os demais cativos domésticos, como proposto por Gilberto Freyre.

Nossa abordagem visa estabelecer sentidos cotidianos da ocupação das amas-de-leite através de significados próprios. Com base numa investigação qualitativa e

quantitativa, buscamos sentidos e interpretações importantes para o entendimento da lógica das transações comerciais envolventes.<sup>6</sup> Coletamos e indexamos cerca de 1.183 anúncios de jornais e selecionamos uma amostragem de 600 anúncios. A seleção dos mesmos obedeceu a ordem previa estabelecida de seis meses por ano das décadas escolhidas, com intervalos de até um mês. Os anos escolhidos foram: 1840, 1845, 1846, 1853, 1859, 1860, 1864, 1874 e 1881.<sup>7</sup> É necessário antes discutirmos a natureza das fontes. Resgatamos dois estudos que – em momentos e com expectativas diferentes – exploraram as possibilidades interpretativas dos anúncios de jornais, no caso, as investigações de Gilberto Freyre e de Lília Schwarcz. Articulando antropologia e história, tais pesquisas ofereceram abordagens sobre as “múltiplas imagens” dos escravos nos anúncios e na imprensa em geral (FREYRE, 1979; SCHWARCZ, 1993).

Nosso objetivo aqui é compreender o cotidiano dos ofícios domésticos das mulheres livres, libertas e escravas através dos relatos de viajantes estrangeiros. De início, é fundamental entendermos a natureza das narrativas destes viajantes, a fim de compreender a sua lógica de produção. A maioria dos relatos assumiu diversos formatos ao longo do século XIX, como correspondências, diários e relatórios científicos. A profissão e status dos viajantes estrangeiros eram variados. Entre os mesmos encontramos: artistas, cientistas, naturalistas, professores, marinheiros, médicos e nobres europeus. Através do índice publicado por Miriam Moreira Leite – títulos de viajantes estrangeiros e relatos sobre as mulheres no Rio de Janeiro do século XIX –, catalogamos cinquenta volumes. Para a nossa análise, selecionamos trinta obras, posto a dificuldade de acesso a alguns títulos. Dos livros eleitos, vinte e sete estavam traduzidos para o português (LEITE, 1982). A partir das indicações de Moreira Leite, ampliamos nossa reflexão. Assim, destacamos em algumas obras de viajantes estrangeiros outros relatos temáticos sobre vivências e ocupações urbanas.

As descrições encontradas nos relatos de viajantes supõem variados filtros, que dependem das culturas, das posições diante da sociedade representada e das relações que determinados viajantes estabeleceram com a mesma. Não podemos esquecer das relações de gênero, implicadas na visão de homem estrangeiro sobre a presença feminina na sociedade do Rio de Janeiro no século XIX. Via de regra, os viajantes

tiveram como referência os papéis sociais masculinos em oposição aos femininos, de acordo com seus valores, tradições e origens (LEITE, 1997).

Para além dos cuidados metodológicos e da natureza de tal fonte, nunca é demais destacarmos que, através de seus estranhamentos, tais viajantes foram capazes de revelar pequenos signos, cujos significados podem ser analisados historicamente. Segundo Rachel Soihet, os relatos de viajantes estrangeiros são importantes fontes para “historiadores e historiadoras preocupados com o cotidiano das pessoas comuns e com suas manifestações culturais” (SOIHET, 2003: 178). As mulheres compreendidas no nosso estudo são exatamente pessoas comuns: escravas africanas, crioulas, livres e libertas. Com experiências individuais e coletivas reinventadas na Corte Imperial, entre fios das histórias e suas respectivas culturas. Culturas (re) elaboradas de acordo com as diversas necessidades, oportunidades e trajetórias cotidianas (THOMPSON, 1987 & 1998). Afinal, esses mesmos sujeitos históricos mantinham-se em permanente contato entre si na faina diária: nos corredores de casas abastadas, entre conversas e tarefas.

Nas narrativas de alguns viajantes estrangeiros, ser ama-de-leite poderia significar, para algumas escravas, uma forma de obter melhores condições de vida e até possibilidades de alforria (EXPILLY, 1862: 186-189). Por outro lado, as mulheres que se dispunham a serem amas-de-leite de crianças enjeitadas – também chamadas como criadeiras – sofriam com a discriminação das autoridades locais e com o combate ao sistema implantado na Roda de Expostos. Eram acusadas pela grande mortalidade infantil nas instituições destinadas às crianças abandonadas. Os responsáveis pelas Rodas alertavam para a falta de cuidado e desleixo de tais mulheres, como afirmavam as autoridades da Roda, na Bahia:

A criação dos expostos estando presentemente confiada aos cuidados de pessoas particulares, que se encarregam dela mediante a gratificação mensal de quatro mil réis, precisa ser regulada de uma maneira mais conveniente, em ordem a que haja zelo no tratamento das crianças, e que estas infelizes não sejam indistintamente entregues a quem as procura para criar; a fim de se ver se, de alguma forma, se evita tanta mortandade, pois, de anos a esta parte, os óbitos têm andado na razão de metade dos enjeitados que se lançam na Roda anualmente.<sup>8</sup>



Os argumentos destas autoridades baianas contra tais amas criadeiras aproximavam-se daqueles apresentados pelos médicos da Academia Nacional de Medicina na Corte Imperial contra todas as outras amas-de-leite. A alta taxa de mortalidade infantil da “Roda dos Expostos” era comum a todas as províncias que abrigavam tais instituições. Porém, a ideia de que as mulheres procuravam por tal serviço, nos faz pensar em algumas questões que nortearão nossa análise. Quais? Vejamos. Nem todas as mulheres que se empregavam como amas-de-leite eram escravas. E, ao que parece, as sociabilidades as quais as amas-de-leite estavam envolvidas não sugerem ausência de conflitos ou passividade diante da escolha a que foram submetidas. Desvendar quem eram as mulheres que se dedicavam à amamentação de crianças em troca de rendas, e abordar a diversidade entre elas, é um dos nossos principais objetivos. Propomos analisar o mercado de trabalho feminino urbano doméstico em seu cotidiano através dos anúncios de jornal de compra, venda e aluguel de amas, revelando a diferenciação das tarefas e dos locais nos quais tais mulheres trabalhavam. Procuraremos desvendar as expectativas e crenças que direcionavam as escolhas de senhores/patrões para as ocupações domésticas, assim como entender de que maneira as amas-de-leite (livres, libertas e escravas) articularam atribuições e qualidades características, a fim de conseguirem melhores condições de vida por meio deste específico ofício.

Além disso, temos a preocupação de efetuar um diálogo rico e propício de tais fontes com os relatos de viajantes estrangeiros que permaneceram na Corte, por períodos de tempos variáveis entre si. A partir de tais fontes, nossa análise vai centrar-se na figura da ama-de-leite. Por meio da localização e comparação de variadas imagens de outras diferentes ocupações femininas – no espaço cotidiano das atividades domésticas na sociedade escravista urbana carioca – procuramos entender as semelhanças e especificidades que caracterizam o serviço das amas de leite.

O material produzido pelos viajantes estrangeiros apenas nos permite saber acerca das imagens que tais estrangeiros faziam das mulheres (LEITE, 1996: 130-131). Os viajantes, por mais que reafirmassem alguns comportamentos e significados sociais próximos aos seus anfitriões – e não quisessem desagradá-los –, não deixaram de fazer críticas aos últimos por determinado *modus vivendi*, ou de relatar fatos que poderiam

interessar ao futuro público leitor, por soarem muitas vezes fora dos padrões conhecidos da moralidade europeia em construção. Podemos citar como exemplo a forma como eram interpretados os “baixos índices de casamento religioso e as altas taxas de ilegitimidade que prevaleciam entre os escravos brasileiros”, comportamentos considerados como patologia social.<sup>9</sup> Deste modo, investimos em possíveis ambiguidades nas descrições e narrativas dos viajantes estrangeiros, analisando quando, como e onde tais relatos assumiam determinados significados.<sup>10</sup>

Ao depararmos-nos com as classificações feitas pelos estrangeiros, compreendendo toda a natureza que tal fonte encerra, uma das que se sobressaem é a diferença entre a “senhora”, aquela competente por administrar, fiscalizar os afazeres domésticos. Embora estivessem presentes no mundo do trabalho, representado pelo labor dos escravos da casa, as mesmas destacavam-se como elemento exterior ao serviço doméstico, como indivíduos isentos de qualquer tarefa do lar. Talvez por isso precisassem ser vistas nas janelas quando as ocasiões permitissem, como afirmava Manet, em carta a sua mãe.<sup>11</sup> Contudo, o relato da francesa Toussaint Samson pode dimensionar essa ligeira confusão de olhares:

A brasileira põe o maior empecilho em não ser vista nunca em ocupação qualquer. Entretanto, quem for admitido à intimidade, achá-la-á pela manhã de tamancos, sem meias, com um penteador de caça por vestido, presidindo a fabricação de doces, cocadas, arrumando-os nos tabuleiros de pretos e pretas, que os levam a vender pela cidade, qual doces, qual frutas, qual legumes da horta. Logo que estes saem, as senhoras dão tarefas de costuras às mulatas, pois quase todos os vestidos das crianças, do dono e da dona da casa são cortados e cosidos em casa. Fazem ainda lenços e guardanapos de ponto de crivo, que mandam também a vender. Cumpre que cada um dos escravos, chamados de ganho, traga a senhora à quantia designada no fim do dia, e muito são castigados quando vêm sem ela. É isto o que constitui o dinheiro para os alfinetes das brasileiras e lhes permite satisfazer as suas fantasias (LEITE, 1997:74).

Por outro lado, as atividades desenvolvidas pelas senhoras podiam passar despercebidas aos olhos estrangeiros, por considerarem as tarefas domésticas parte naturalizada do universo feminino. Sempre que o acesso à intimidade da família lhes era permitido, viajantes relatavam costuras e bordados, ou a administração das tarefas destinadas aos escravos, como as atividades mais comuns. As cenas de convivência

familiar narradas revelam senhoras empenhadas em tais empreendimentos, como por exemplo, em Luccok, Debret, Graham, Kidder e Expilly.<sup>12</sup> Segundo Moreira Leite, ainda que os escravos realizassem a maioria dos afazeres, as atividades domésticas “exigiam de todos os habitantes da casa um esforço repetido, prolongado e conjugado, numa multiplicidade de tarefas” (LEITE, 1997: 73).

Imagens, olhares, descrições e cenas foram transformadas quando se tratavam das mulheres escravas, libertas ou “mulheres de cor” livres, com atividades no ambiente doméstico. Os mesmos trabalhos tornam-se ofícios. As atividades femininas domésticas não eram mais vistas como atitudes de convivência familiar, quando realizados por outras trabalhadoras. No momento que os criados assumiram tais funções, foram consideradas como ocupações, adquirindo outros significados e símbolos. O caráter atribuído aos ofícios realizados por mulheres escravas e libertas assumiu características que modificaram o olhar do viajante diante das atividades femininas.

Nos relatos de Schlichthorst e Lino de Assumpção, encontramos expressa a noção de que a ama-de-leite exercia uma das faces do trabalho escravo doméstico e, portanto, inserida na respectiva disciplina dos demais criados. Para o primeiro, a surpresa da amamentação dos filhos de brancos por “amas negras” residia no fato das mesmas terem boa produção de leite, visto possuírem o suficiente para alimentar duas crianças (SCHLICHTHORST, 1941: 91-92). Enquanto isso, Lino de Assumpção acreditava que as amas “negras” são “maquinas de amamentar”:

suportam com uma coragem admirável os caprichos d’ estas [as crianças], as birras, as longas noites em que os choros as não deixam dormir, sem uma queixa, e com uma paciência bestial, que faz crer que a criança esta no colo de um autômato que adquiriu a qualidade de mulher menos a alma.

São as maquinas de amamentar na sua última expressão. Representariam uma conquista do gênio do homem, se não fossem uma prova da inferioridade da espécie.

A cabra substitui o biberon, a negra substitui a cabra, só a branca substitui a mãe.(ASSUMPÇÃO, 1881: 48-49).

O trabalho da ama-de-leite é considerado de tal maneira porque a amamentação e a educação infantil exigiam paciência e resignação, o que o português atribuía à falta de alma da ama, ou melhor, a ausência de sentimentos. Além disso, tal narrativa

enfatuara as imagens e significados conferidos às mulheres “negras”, supostamente destituídas de qualquer tipo de emoções da alma feminina materna. Apropriadas a tal serviço doméstico e escravo, as marcas da ascendência africana as tornariam incapazes e inferiores diante das mães. Aproximando-se de tal visão, encontram-se as narrativas de Canstt e Kidder, quando destacaram a má influência exercida pelas amas, especialmente as “negras”:

As crianças crescem quase que exclusivamente sob a guarda das amas negras, e os companheiros de brinquedos de sua infância são os filhos dos escravos. Por isso a inclinação para o roubo e a mentira que mesmo os mais rudes castigos mal conseguem moderar o lado sombrio da escravidão a influência da educação das crianças em comum com os negros. (CANSTATT, 1954: 287)

A mãe brasileira quase invariavelmente entrega o seu filho a uma preta para ser criado. Assim que as crianças se tornam incômodas ao conforto da senhora, são despachadas a escola; e o coitado do pobre professor que tem de impor-se a esse espécime irrequieto do gênero humano! Acostumado a dominar suas amas pretas, e com ilimitada indulgência de seus pais, mete-se na cabeça tudo poder e dever fazer para frustrar os esforços feitos para disciplina-lo. (KIDDER & FLETCHER, 1941: 191)

Argumentamos que os dois viajantes compartilhavam visões quanto ao papel da mãe branca no seio da família. A educação e os valores familiares deveriam ser administrados pela mulher/mãe. O contrário desta acepção produziria resultados sociais desastrosos e prejudiciais para a vida familiar romantizada. Mulheres escravas, libertas, crioulas e africanas acabariam desqualificadas para tarefas desta natureza por serem africanas “negras” escravas. A influência africana era considerada como primitiva pelos olhares brancos estrangeiros no Rio de Janeiro (SLENES, 1988: 197-200).

Na primeira metade do séc. XIX, o estranhamento e a condenação do olhar estrangeiro sobre os servidores domésticos recaíram sobre a condição escrava dos criados, pois os cativos representavam a maioria entre eles. Segundo a interpretação do amigo da viajante, o cativo era a fonte da falta de boas qualidades, a ausência de liberdade fazia do escravo um inimigo agindo em surdina.<sup>13</sup> A potencial ameaça dos criados cativos não estava apenas em sua influência perniciosa diante da família branca. Corria entre aqueles anos notícias de tentativas de insurreições escravas que muitas vezes contavam com a ajuda de criados domésticos (GOMES, 1995: 225-226).

Lembremos que os escravos chegaram a representar mais de 50% no total da população urbana no Rio de Janeiro. Segundo Chalhoub, se observarmos os dados de 1849 encontramos cerca de 78.885 cativos entre 205.906 habitantes apenas nas paróquias urbanas, alcançando a cifra de 41,5% se adicionarmos as rurais. A população escrava urbana naqueles anos era a maior das Américas. Alguns administradores da Corte ficaram apreensivos, pois a disciplina e a organização dos escravos constituíam-se como grave problema para as autoridades policiais (CHALHOUB, 1990: 187-189).

Outro aspecto a ser destacado é a forma como os viajantes estrangeiros encaravam o próprio mercado de trabalho, especialmente, aquele destinado aos serviços de aluguel, uma das principais formas para patrões e proprietários ajustarem os serviços com uma ama-de-leite. O aluguel era efetivado através de um compromisso entre senhores e locatários, não cabendo nenhuma intermediação por parte do escravo nesta negociação. As formas gerais do mercado de trabalho – alicerçados sob a escravidão urbana – dizem respeito também ao sistema de ganho. Esses sistemas de trabalho eram providenciais nas cidades escravistas, pois o caráter provisório das ocupações dentro de uma economia de serviços em expansão necessitava desta mobilidade, por causa de uma demanda diversificada e crescente.<sup>14</sup> Ribeyrolles, Brassey, Expilly e Ebel abordaram a questão do mercado de aluguel ao indicarem os anúncios de jornais como fonte para conhecê-lo, revelando condições e ocupações a partir da leitura das páginas dos periódicos, principalmente, o *Jornal do Commercio* (Apud: LEITE, 1996: 125). Ribeyrolles acreditava que os “criados de aluguel” faziam parte da “segunda divisão do povo negro no Rio de Janeiro”. Os primeiros seriam os vendedores de rua e os carregadores. Contudo, tal mercado parece ser um pouco mais complexo e fluido do que aquele sugerido pelo referido viajante. Aliás, as indicações sobre os serviços domésticos oferecidos nos anúncios de jornais aparecem mais nos relatos dos estrangeiros, mormente na segunda metade do século XIX.

O único viajante a evidenciar os anúncios de jornais – como meio de busca para criados domésticos – foi Ernest Ebel. Talvez, o destaque sobre as indicações acerca da ligação entre anúncios de jornais e ocupações domésticas explique-se porque alguns estrangeiros permaneceram mais tempo em algumas cidades, por serem poucos aqueles

que mantiveram contato mais sistemático com os escravos, ou foram proprietários diretos deles.

Além dos anúncios de jornais, existiam outras formas de agenciamento de trabalho doméstico, como, por exemplo, através de pessoas conhecidas, ou por contato direto com alguém disposto a alugar ou oferecer criadas domésticas. De acordo com Graham, era comum o aluguel de escravos vindos diretamente de outros lares (GRAHAM, 1988: 32). É o que nos sugere o reverendo Kidder:

Uma senhora, de família nobre, pediu um dia a uma amiga minha, que lhe dissesse se conhecia alguém que desejava lavar roupa fora, pois ela tinha nove escravas preguiçosas em casa, para as quais não tinha ocupação. Contou melancolicamente a sua historia dizendo “É um principio nosso não vender nossos escravos, são os tormentos da minha vida; não consigo arranjar trabalho bastante para conservá-los fora da vadiação e da preguiça. ((KIDDER & FLETCHER, 1941: 188)

Provavelmente existiam senhoras que controlavam certos setores sociais e, através desta posição – influências e contatos com outras famílias –, poderiam indicar criadas escravas ao serviço de quem lhe parecesse mais conveniente, como por exemplo, os estrangeiros, reconhecidamente pessoas que possuíam este tipo de demanda temporária.<sup>15</sup> Segundo Graham, famílias de mesma posição social poderiam dar informações sobre os criados domésticos comuns (GRAHAM, 1988: 47). Foi também através de um contato que Expilly conseguiu alugar uma ama-de-leite – escrava moçambique de nome Julia – para a sua filha. Verifica-se, assim, a importância das relações sociais entre senhores e contratantes para obtenção de uma doméstica “capaz” e “idônea” (EXPILLY, 1862: 188-189). Quiçá a garantia de tais qualidades não fosse um dos motivos de convencimento para mulheres da elite e estrangeiras entregarem seus próprios filhos às amas-de-leite. Assim, algumas das contratantes fiadas na origem das últimas, sentiam-se mais seguras. Considerando a complexidade do mercado de trabalho urbano feminino quanto aos arranjos domésticos, destacamos o seguinte comentário de Ebel:

ocorreu-me então experimentar uma negra que soubesse lavar e passar a ferro: a lavagem de roupa no Rio não somente sai cara como a estragam quando é corada. Nunca tive ideia mais feliz. Apenas pus um anúncio no

Diário – o jornal da cidade – foi-me oferecida por pessoa de confiança uma pretinha, a qual com seis mil reis, mais seu sustento diário, que eu generosamente supria com meia pataca ou cento e sessenta reis, saía-me por onze mil reis (cinquenta e cinco rublos) e eu dispunha de alguém que não somente me lavava a roupa como consertava e, em caso de necessidade, entendia um pouco de cozinha, ficando em casa, de mais a mais, o tempo todo para minha segurança.

Não rias por favor, dessa tão chocante associação para teu conceito europeu. Posto que Delfina (não é este um lindo nome para preta) tivesse mais 16 anos e fosse passavelmente bonita – pouco se lhe dada como te figuras, esconder suas miudezas – estava eu longe de enxergar nessa criatura uma mulher, que seu sexo para mim nem entrava em consideração. (EBEL, 1972: 29)

A escrava contratada por Ebel era responsável pela maioria das tarefas domésticas: lavar, cozinhar, engomar e costurar. O ajuste garantido pelo viajante sugere a flexibilidade de tarefas a que uma criada estaria exposta, pois o mesmo pensava em uma serviçal apenas para cuidar de sua roupa, mas encontrara uma escrava que desempenhava mais funções. Tal flexibilização nos mundos do trabalho sugeridas nesta narrativa pode corresponder ao momento de transformação pelo qual o mercado de trabalho urbano passava (KARASCH, 2000: 137-142).

As mudanças que eram partes do cotidiano da Corte repercutiram sobre a flexibilização das ocupações das escravas – e daquelas mulheres livres e libertas pobres, que disputavam junto àquelas uma vaga no mercado de trabalho. Maria Odila Dias salienta que, “escravas do comércio ambulante e doméstico mal se distinguiam, alternando as atividades, conforme o momento, o temperamento e as conveniências das donas” (DIAS, 1984: 85). Tal situação é comparável ao movimento experimentado pela cidade do Rio de Janeiro em meados do séc. XIX. Segundo Karasch, os cativos especializados desempenhavam outras funções em uma espécie de combinação de uma ou mais ocupações manuais, inseridas na categoria de vendas e serviços, “em que as escravas eram muito importantes” (KARASCH, 2000: 283). Tal flexibilidade ocupacional do mercado de trabalho urbano feminino é observado no comércio ambulante, pois “muitas mulheres não tinham licença porque eram escravas domésticas, que vendiam alimentos em tempo parcial”(KARASCH, 2000: 285). Diante das condições do mercado de trabalho urbano restavam poucas opções para as mulheres

trabalhadoras, fossem elas escravas, forras ou livres. Tais escolhas estavam atreladas a uma série de aspectos concernentes às condições de vida e à subsistência cotidiana.

A investigação sobre os anúncios de jornal sugere que as ocupações femininas, em sua maior parte, estavam voltadas para os serviços domésticos. Os serviços mencionados colocavam a disposição meninas, moças e velhas para engomar, lavar cozinhar, coser, fazer roupas de homem, fazer rendas e até mesmo pentear senhoras. Tais alternativas femininas no mercado de trabalho urbano doméstico pouco variaram ao longo do tempo. Mas, a maternidade determinava outras oportunidades para a mulher trabalhadora. O que antes aparecia como desvantagem – nos comentários iniciais de Maria Lúcia Mott – torna-se na cidade uma forma a mais de trabalho, pois transformava escravas, forras e livres “próprias para amas-de-leite”.<sup>16</sup>

A maternidade possibilitou às criadas domésticas um tipo de especialização, e em alguns casos, melhores condições de vida e/ou contatos. Tudo dependeria de como e onde tais mulheres escravas e libertas fossem empregadas. Segundo Alencastro, o aluguel de amas-de-leite era uma atividade importante no meio urbano: “Pequenos senhores de escravos exploravam esse mercado, alugando a terceiros suas cativas no período pós-natal” (ALENCASTRO, 1997: 63). A escolha em tornarem-se amas, não estava apenas nas mãos dos interesses senhoriais, mas também nas das mulheres forras e livres que surgiam oferecendo seus serviços.

É interessante destacar que ao analisarmos os anúncios encontramos diferenças entre as mulheres que se propunham a cuidar de crianças. Podemos separá-las em amas-secas e amas-de-leite. As diferenças não se davam apenas pelo vínculo da amamentação infantil, mas também pelas aptidões ressaltadas. Como o nosso interesse inicial é analisar com maior profundidade o nicho de mercado urbano das amas-de-leite, destacaremos alguns anúncios exemplares para melhor definir as qualidades das amas secas:

Toma-se uma criança de um ano para acabar-se de criar-se mas sem leite no becco sujo, n. 8.

Aluga-se uma rapariga livre para ama seca na rua do livramento n. 114.

“Precisa-se de uma preta de 16 para 20 anos, para tomar conta de uma criança, na Rua do Conde, n. 9.



“Aluga-se uma crioulinha de 10 anos, vinda da roça, para carregar crianças por ser muito carinhosa, na Rua do Príncipe dos Cajueiros, n. 12.<sup>17</sup>”

De maneira geral, estes anúncios demonstram o quanto o trabalho da ama seca poderia ser complementar e secundário em relação àquele das amas de leite. Os cuidados com as crianças não terminavam com o desmame. Era necessária sua continuidade, como sugere a frase do primeiro anúncio: “para acabar-se de criar-se”. O ofício como ama seca supõe ainda a iniciação de meninas escravas que, por suas aptidões no “bom trato com crianças”, começavam o aprendizado de uma possível ocupação assim que estivessem aptas, após o período da gravidez. No anúncio, a menina escrava estava no começo de sua aprendizagem doméstica, o que poderia valorizar um pouco mais o seu aluguel, pois o seu desconhecimento e estranhamento das regras de convívio das cidades limitavam seus passos na Corte, e convinha ao sistema mantê-la sobre o seu estrito domínio. Segundo Góes e Florentino, o preço que alcançava uma criança escrava era reflexo do seu aprendizado; assim, o mercado de trabalho a valorava paulatinamente, conforme as habilidades iam se afirmando: “Aprendia um ofício e a ser escravo: o trabalho era o campo privilegiado da pedagogia senhorial” (GÓES; FLORENTINO, 2002: 185). Contudo, o aprendizado não se fazia entre as crianças escravas:

Precisa-se tomar uma criança de 8 anos para ama, branca ou de cor, dando-se todo o necessário e ensina-se a ler e a escrever, quem quiser dirija-se a rua da Ajuda n. 65 ou do Ingá n. 62, em São Domingos.”

Precisa-se, para casa de pouca família, de uma menina branca ou de cor, de 12 anos para cima, para andar com uma criança e fazer algum serviço de casa, dando-se-lhe vestir calçar e ensinando-lhe a coser e marcar, e o mais trabalho de agulha, a quem convier. Rua do Catete n. 168.<sup>18</sup>

Neste exemplo, a cor das meninas não as eximia de serem empregadas em tarefas domésticas. A escolha de crianças para serviço doméstico diminuía os custos com criadas para as famílias mais pobres, pois as criadas treinadas possuíam o aluguel mais caro. Como sugere o anúncio acima, com 8 anos as meninas ainda não teriam completado a fase inicial de ensino. O trabalho doméstico desempenhado pelas meninas era compensado pelo ensino de outras habilidades, como a oportunidade de

alfabetização. O treinamento em casa, ou a presença de escolas para ensinar às meninas tarefas domésticas e outras artes, como piano ou francês, era habitual no Rio de Janeiro e em São Paulo (DIAS, 1984: 101). Segundo Almir El-Kareh, empregar os filhos era uma das formas encontradas por famílias livres pobres de iniciá-los no mercado de trabalho doméstico urbano, atendendo a demanda de outros núcleos que tinham nas pequenas criadas um meio de suprir as necessidades sem despendar grandes quantias (EL-KAREH, 2004: 26). A aprendizagem de meninas como amas secas poderia indicar o treinamento inicial das mesmas para serem amas-de-leite. Porém, havia casos em que o fato das mulheres estarem grávidas, ou mesmo terem recentemente parido, as tornavam amas-de-leite em potencial:

Pretende-se comprar uma preta moçambique, que tenha de idade 16 até 24 anos, ainda que não seja muito prendada, e que tenha alguma cria ou esteja grávida não importa; exige-se que seja de bonita figura e sem moléstias nem vícios, na rua do Sabão da Cidade Nova n. 36”

Aluga-se uma boa preta para ama-de-leite a qual é muito criança, trata-se na chácara da rua do Valongo, n. 149.<sup>19</sup>

Os anúncios sugerem que o treinamento de mulheres para amas-de-leite era determinado algumas vezes pela possibilidade de estarem grávidas ou aleitando. O primeiro exemplo acompanha a intenção de um senhor – ou senhora – em investir no mercado de trabalho das amas de leite, o que provavelmente geraria mais lucros do que treinar a pretendida escrava em determinados ofícios domésticos. Através deste anúncio notamos quais eram os aspectos mais valorizados para uma ama-de-leite, como, por exemplo, a faixa de idade ideal, o tipo físico, as condições de saúde e a origem africana da escrava. A clareza na descrição deste anúncio – considerado uma exceção – pode ligar-se a maior oferta de cativos africanos nas décadas de 1830-1840. Ser uma africana poderia significar qualidades valorizadas no ambiente doméstico – como fidelidade e confiança – , além de um alto preço após o treinamento.<sup>20</sup> No segundo exemplo, o fato de ser considerada “muito criança” não impedia a escrava de ser uma ama-de-leite, ou seja, ao ser qualificada como uma boa cativa, a pouca idade não diminuía seu valor. A garantia de um bom negócio algumas vezes localizava-se no quanto a ama poderia ser

fiel e obediente frente à organização familiar a que se destinava (GRAHAM, 1988: 16-18).

Percebe-se nos anúncios um significativo número de mulheres que se propunham “criar de leite”, “crias” ou “crianças brancas”, sem que a sua condição como ama-de-leite estivesse explícita ou descrita. Mesmo que os anúncios não acusassem tal ocupação, as anunciadas estavam envolvidas com a amamentação e a criação infantil. Estes anúncios selecionados representam cerca de 60 no total, o que significa 10% de nossa amostragem. Eram anúncios peculiares no modo de oferecer serviços. As mulheres/amas prestavam-se a “criar de leite”, desvinculando-se das relações de aluguel. A narrativa destes tipos de anúncios oferece contraste precioso para analisarmos o mercado de trabalho das amas de leite, uma vez que existiam diferenças fundamentais entre os anúncios das “crias de leite” e os de aluguel, compra e venda de amas de leite. Inicialmente podemos notar que tais anúncios começavam com frases do tipo: “Toma-se criança a amamentar”, “Recebe-se uma criança para se criar de leite” ou “Quem quiser dar uma criança para se criar de leite”. Há um indicativo particular – em todo o universo selecionado dos anúncios – de que a amamentação realizar-se-ia fora do ambiente da família da criança.

O uso de amas-de-leite fora do domicílio da criança não era prática de todas as famílias cariocas. O hábito de se alugar uma ama-de-leite tinha como uma das características principais no Brasil a permanência das amas nas casas dos pais durante o período de serviço. Normalmente, eram mulheres escravas que se dedicavam ao ofício. Segundo Mauad, a amamentação estava conjugada a ideia de trabalho extremamente fatigante, porque envolvia uma série de cuidados com crianças pequenas. Assim, o aleitamento “foi rapidamente associado à mão de obra escrava” (MAUD, 2002: 160). As mulheres que amamentavam e cuidavam de crianças em seus domicílios eram mais conhecidas como criadeiras, mulheres livres e libertas pobres, em sua maioria.

A figura das criadeiras estava mais ligada à criação de meninos(as) da *Roda de Expostos*. As amas criadeiras que prestavam serviços para esta instituição, geralmente, provinham da população pobre urbana. Elas eram responsáveis pelos primeiros cuidados com os órfãos deixados nas Rodas. Maria Luisa Marcilio, ao analisar as tarefas realizadas por tais amas, salientou as estratégias das mesmas diante das condições

precárias de vida – o que envolvia abusos e fraudes das mesmas frente às autoridades responsáveis (MARCÍLIO,1997: 143-153). Já Renato Pinto Venâncio investigou as possibilidades e as chances de vida do enjeitado frente às dificuldades do sistema adotado pela Roda (VENÂNCIO, 2001: 189-221). Na grande parte das fontes investigadas por esses dois autores ressalta-se as características penosas e perigosas de uma criação realizada distante da casa da família. Desse modo, pela visão senhorial, as criações feitas fora da casa da família estavam associadas aos órfãos e, conseqüentemente, aos maus tratos das amas de leite criadeiras. Por isso, o costume de manter-se uma ama sobre a vigilância das organizações domésticas garantiria o bem estar da criança:

Uma Família do Engenho Velho possui (?) preta de bom leite, por causa da morte da cria recebe-se para criar em casa, como todo o desvelo a quem queira dar uma criança, dirija-se ao becco dos cachorros, no. 18.

Recebe-se para criar de leite, com todo o carinho e desvelo, advertindo-se que seja branca. Rua da Alfândega, n. 336.

Toma-se uma criança para amamentar, podendo as pessoas que lhe pertencem ir vê-la a qualquer hora, afiança-se o bom tratamento, em casa de família em uma chácara perto da corte; para tratar na Rua da Carioca, n. 106.<sup>21</sup>

Os cuidados com as crianças durante o período de separação são indicados em cerca de 20% dos anúncios selecionados. A preocupação em mostrar o quanto à criança seria bem tratada, mesmo longe de sua família, é umas das características mais marcantes. As garantias de um “bom tratamento” incluíam atenção, carinho, vigilância, e organização, visando evitar abusos e/ou maus-tratos das amas-de-leite. Como visto acima, muitos anúncios de criadeiras destacavam mais os aspectos das “crias de leite” do que os predicados das próprias como amas. A exigência feita para as amas em criar apenas crianças brancas era pouco usual nestes tipos de anúncios, existindo aqueles que não apontavam a preferência de cor, como outros que mencionavam “qualquer cor”. Este aspecto pode indicar que as amas criadeiras estavam relacionadas a determinados

setores do mercado de amas de leite. Observamos certa correspondência entre os anúncios que ofereciam crianças para serem criadas:

“Quem quiser se encarregar de uma criança de cor para criar sendo bem tratada e com bom leite, dirija-se a Rua da Quitanda n. 190, ou anuncie por este jornal”.

“Quem quiser encarregar de criar uma negrinha dirija-se para tratar a rua da Quitanda n, 190”.

“Quem tiver uma criança e a queira dar a criar-se, por haver uma preta com muita abundancia de leite, na certeza de que será bem tratada, dirija-se a Praia da Gamboa, n. 39.”<sup>22</sup>

A diferença de dias entre os dois últimos anúncios sugere um caráter dialógico entre eles. Segundo Almir El-Kareh, quando os anúncios tratavam de oferecimento de crianças para serem criadas de leite “a possibilidade de que se tratava de uma criança escrava era muito grande”(EL-KARESCH, 2004:12). Em contrapartida, as crianças brancas tinham o traço de sua cor realçado e possuíam “toda chance de encontrar freguês imediatamente” (EL-KARESCH, 2004: 13). Já a relação entre os dois primeiros citados é de comparação, ao que parece tratando da mesma criança, devido à repetição do endereço durante o mês. A “criança de cor” transforma-se em “negrinha”, e logo aparece uma candidata. Tratava-se possivelmente de uma escrava que cuidará de outra. As crianças oferecidas para serem criadas são como a “negrinha” acima, marcadas pela cor, provavelmente, filhas de outras cativas, amas-de-leite ou não: “Na Rua de Bragança, n. 1, aluga-se uma ama de leite com bom leite. Na mesma casa da-se para criar uma pardinha de 5 meses”.<sup>23</sup>

Avaliamos que as amas criadeiras procuravam crianças que normalmente não poderiam ser cuidadas pelas mães em seus domicílios, seja porque eram escravas ou porque eram mulheres pobres, sem condições de manter as amas em seu núcleo familiar e/ou cuidar de crianças. Elisabeth Badinter, analisando a formação do sentimento materno na França, encontra em famílias de pequenos artesãos e comerciantes urbanos um segmento social que enviava seus filhos para amas-de-leite nas áreas rurais, posto ser a mulher elemento essencial ao funcionamento da indústria doméstica. Assim, contratar uma ama para um filho sairia mais barato do que pagar um jornaleiro

especializado (BADINTER, 1985: 102-130). Na Corte do Rio de Janeiro verificamos que o comportamento cultural de contratar uma ama-de-leite estava ligado à posição social e ao status de cada família, pois, segundo Alencastro, o “hábito do aleitamento materno seguia o da renda familiar” (ALENCASTRO, 1997: 63). Desse modo, a utilização de amas criadeiras poderia significar uma alternativa para aquelas mulheres/mães que necessitavam manter a empresa doméstica e não poderiam custear a vinda de uma ama-de-leite para a sua casa. O oferecimento de crianças nos anúncios, e de amas que tomavam crianças para “criar de leite”, atendia determinados segmentos sociais.

### **Considerações finais**

Através desses apontamentos iniciais, podemos constatar que as amas-de-leite escravas embora fossem figuras centrais para a justificativa de caminhos ideológicos diferentes, o cotidiano deste nicho mercadológico feminino apresentou um cotidiano multifacetado. O ofício foi adaptado de acordo com as diferentes necessidades do mercado de trabalho urbano da Corte, no período estudado.

Por onde, pudemos constatar que ser ama-de-leite, neste momento, poderia abranger um campo mais vasto de possibilidades para mulheres escravas, livres e libertas alcançando posições disputadas em diversos tipos de famílias espalhados por específicos segmentos sociais. A análise desse tipo de mercado permitiu acompanhar as transformações pelas quais passaram a cidade do Rio de Janeiro ligadas ao alargamento e pressão demográfica sofrida, bem como as preocupações de autoridades, senhores e médicos quanto a presença de escravos e/ou africanos junto ao ambiente doméstico, base da “civilização” nacional.

### **Referências bibliográficas**

ABREU, Martha Campos. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

- ALENCASTRO, L. F. de. “Vida privada e ordem privada no Império”. In: ALENCASTRO (coord.) **História da vida privada: 2**. São Paulo: Companhia da letras, 1997.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 2 ed.
- ASSUMPCÃO, Thomas Lino. **Narrativas do Brazil**. Rio de Janeiro: Livraria Conte Faro & Lino, 1881.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado – O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENTO, Antonio. **Manet no Brasil. Estudo comemorativo da passagem da visita do pintor no Rio de Janeiro**. Ministério da educação e da Saúde. [s/dt].
- BINZER, Ina von. **Os meus romanos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.
- BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1974.
- BURMEISTER. H. *Viagem através do Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: USP: Belo Horizonte: Itatiaia, 1952.
- CANSTATT, E. A. Oscar. **Brasil a terra e agente**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1954.
- CARRARA, S. **Tributo a vênus – a luta contra a sífilis no Brasil – da passagem do século até os anos 40**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- CASTELNAU, Francis. **Expedição às regiões centrais da América do Sul**. São Paulo: Nacional, 1949.
- CHALHOUB, S. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Visões da liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CUNHA, Maria Clementina. De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gênero no Brasil. In: **Tempo**, v.3, .n.5, julho 1998.
- DABADIE. **A Travers L’Amérique du Sud**. Paris: Ferdinan Sartorius, 1858.
- DEBRET, J. B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1982. 2 v.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul da História do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Brasília: EdUnb, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1993.

\_\_\_\_\_. (org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. (org.) **A mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva Dias. **Quotidiano e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

EBEL, Ernest. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. São Paulo: Nacional, 1972.

EDLER, Flávio. “A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico”, **Asclépio**, v. L, fev., 1998.

EL-KAREH, Almir Chaiban. “Famílias adotivas, amas-de-leite e amas secas e o comércio de leite materno e de carinho na Corte do Rio de Janeiro”. **Gênero**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 9-30, 1º. sem. 2004.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

EXPILLY, C. **Lê Brésil tel qu`il est**. Paris: E. Duntier, 1862.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e costumes do Brasil**. Tradução e edição de Gastão Penalva. São Paulo, 1935.

EWBANK, Thomas. **A vida no Brasil: o diário de uma visita**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1976.

FERREIRA, L. O. Medicina Impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, S. et al. (org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de historia social**. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p.101-121.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros no séc. XIX**. São Paulo/ Recife: Editora Nacional/ Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

GARDNER, G. **Viagem ao interior do Brasil principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e dos diamantes durante os anos de 1836-184**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1975.



- GÓES, José Roberto & FLORETINO, Manolo. “Crianças escravas, crianças dos escravos”. In: PRIORE, Mary del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1990.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910)**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- HIGONNET, A. Mulheres, imagens e representações. In: THÉBAUD, Françoise. **História das Mulheres no Ocidente. O século XX**. Trad. portuguesa de M. H. da C. Coelho et al. Porto: Edições Afrontamento, 1994. p. 403-433.
- HORNER, G. **Medical topography of Brasil and Uruguay**. Philadelphia: Lindsay e Blakiston, 1845.
- KARASCH, M.C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, J. Codley. **O Brasil e os brasileiros**. São Paulo: Nacional, 1941.
- KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e Corações. In: DUBY, G.; PERROT, M. (dir.) **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Afrontamento: São Paulo: Ebradil, 1994.
- KOUTSOUKOS, S. S. M. **Amas-de-leite no estúdio do fotógrafo – Brasil, séc. XIX**. [s/d], [s/l].
- KUSNESOF, Elisabeth. “The role of the female-headed household in Brazilian Modernization: 1765-1836. **Jornal of Social History**, n. 13, p.586-613, 1980.
- LAGE, Lana; VENÂNCIO, Renato Pinto. O abandono de crianças negras no Rio de Janeiro. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.
- LANGSDORFF, E. **Diário da Baronesa Langsdorff. Relatando a sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S.A.R. o príncipe de Joinville. (1842-1843)**. Florianópolis: Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2001.
- LECLERC, Max. **Cartas do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1942.

- LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- LEITE, M. L. M. et ali. **A mulher no Rio de Janeiro, no século XIX**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.
- LEITE, M. L. M. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- LEITHOLD, T von; RANGO, L von. **O Rio de Janeiro visto por dois prussianos**. São Paulo: Nacional, 1966.
- LUCCOK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1975.
- MACHADO, Roberto et al. **Danação da Norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MAGALHÃES, E.K. C.; GIACOMINI, D. M. A escrava ama-de-leite: anjo ou demônio? In: BARROSO, C.; COSTA, A.O., (orgs.). **Mulher, mulheres**. São Paulo: Cortez/ Fundação Carlos Chagas, 1983. p. 73-88.
- MATOS, Maria Izilda Santos. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discursos médicos. São Paulo 1890-1930. [s.l],[s/d].
- MARCÍLIO, Maria Luiza. “Amas – de Leite Mercenárias e crianças expostas no Brasil oitocentista”. In: **Olhares sobre a criança no Brasil – Séculos XIX e XX**. Coordenação de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CESPI/USU, Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula/ AMAIS, 1997.
- MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. (org.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.
- MARTINS, Lúcia de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico: 1800-1850**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: Del Priore, Mary. (org.) **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. A imagem e a auto-imagem do segundo reinado. In: ALENCASTRO, L. Felipe de. (coord.) **História da vida privada: 2**. São Paulo: Companhia da Letras, 1997. p.180-231.
- MELO SOUZA, Maria Lucia de Barros Mott de. **Parto, parteiras e parturientes. Mme Durocher e sua época**. Tese apresentada ao departamento de História da Universidade de São Paulo, 1998.

- MONCORVO FILHO, Arthur. **Histórico da proteção á infância no Brasil**. Rio de Janeiro: PONGETTI & CIA, 1927.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.
- PERROT, M. “Sair”. In: FRAISSE, G. ; PERROT, M.. **A história das mulheres. O século XIX**. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL,1994. p. 503-539.
- PIMENTA, Tânia Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUB, S. et al. (org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de historia social**. Campinas, SP: Unicamp, 2003. p.307-330.
- PRINCIPE ADALBERTO DA PRÚSSIA. **Brasil: Amazonas – Xingu**. SÃO PAULO: USP: Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- RIBEYROLLES, C. **Brasil Pitoresco**. São Paulo: Martins, 1941.
- RODRIGUES, Jaime. **O infame comércio: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil — 1800-1850**. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2000.
- RUSSEL-WOOD,<sup>a</sup>J.R. “Women and society in colonial Brazil” *Journal of Latin-American Studies*, n.9, I.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial**. Campinas: UNICAMP, CECULT, IFCH,2001.
- SEIDLER, C. F. Gustav. **Dez anos no Brasil**. São Paulo: Martins: Brasília: INL, 1976.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SCHLICHTHORST, Carl. **O Rio de Janeiro como é. 1824-1826**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCOTT, J.W. Gênero: uma útil categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, 2, p.5-22, jul-dez., 1990.

- SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and politics of History. **Cadernos Pagu** , n. 3, p.8-28, 1994.
- SMITH, H. H. **Brazil:the Amazonas and the Coast**. New York: Charles Scribner's sons, 1879.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1985.
- \_\_\_\_\_. Sutileza, ironia e zombaria. Instrumentos no descrédito das lutas das mulheres pela emancipação. **Saúde Sexo e Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 24-34, 2001.
- SOIHET, Rachel. “A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX”. In: MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Rachel Soihet (org.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.
- SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no século XIX. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 8, n. 16, março/agosto p. 189-203, 1988.
- SUZANNET, Conde. **O Brasil em 1845**. Rio de Janeiro: Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- TILLY, Louise A Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, 3, p.29-62, 1994.
- THOMAS, K. **Religião e o declínio da magia crenças populares na Inglaterra – século XVI e XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- \_\_\_\_\_.**Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TSCHUDI, J. J. von. **Viagens as províncias do Rio de Janeiro e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1980.
- WALSH, R. **Notícias do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: EDUSP, 1985.
- VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. **Cadernos Pagu**, n.3, p.63-84, 1994.
- VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade negada”. In: PRIORE, Mary del (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

## Notas

<sup>1</sup> Damos maior atenção aos papéis dos sujeitos, agentes nas suas escolhas, ações e experiências; e as identidades culturais, que não deixavam de ser políticas, mas sempre levando em conta valores e crenças, possuidoras de sentido e significados. Ver: LARA, Sílvia Hunold. “Blowin’ the wind”. *Projeto História*, São Paulo, n. 12, p.43-56, 1995.

<sup>2</sup> CARDOSO, Ciro Flamarión & ARAÚJO, Paulo Henrique. *Rio de Janeiro*. Madri, 1992, pp 177-181; CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*, São Paulo, Companhia das letras, 1991, pp.185-187; ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989, pp.21-23.

<sup>3</sup> Ver: GOMES, Flávio dos Santos. “Experiências transatlânticas e significados locais: idéias, temores e narrativas em torno do Haiti no Brasil escravista”. *Tempo*, n.13, 2002, pp.209-246; SOARES, Carlos Eugênio Líbano & GOMES, Flávio dos Santos. “Com o pé sobre o vulcão’: africanos minas, identidades e repressão antiafricana no Rio de Janeiro (1830-1840)”. *Estudos Afro-Asiáticos*, n.23, 2002, pp. 335-3378; CARDOSO & ARAÚJO, op. cit., pp. 177-179; CHALHOUB, op. cit., pp.191-193.

<sup>4</sup> Ver: KARASCH, op. cit., cap.3; ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. (1808-1822)*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, pp.25-45.

<sup>5</sup> Para o movimento negro contemporâneo, as amas-de-leite representam a submissão negra, a conduta de desvalorização da identidade negra frente ao poderio social branco. Segundo Giacomini, a ama-de-leite representa a negação da sua condição de mulher, já que ser escrava não permitia a maternidade. GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava*. Petrópolis: Vozes, 1988. pp.57-58.

<sup>6</sup> Cabe destacar que a imprensa no Brasil começa a se estabelecer definitivamente no começo do séc. XIX. Temos que considerar o jornal como o veículo de comunicação de massa com grande penetração no interior dos variados segmentos sociais. Mesmo com a significativa parcela de analfabetos, existiam formas de driblar tais dificuldades, como as leituras públicas feitas em praças, associações e clubes.

<sup>7</sup> A escolha dos anos está baseada nos anos próximos daqueles registrados nas teses de medicina e particularmente ligadas aos anos das epidemias na Corte

<sup>8</sup> Ver: MARCÍLIO, Maria Luisa. “Etnodemografia da criança abandonada na história do Brasil séculos XVIII e XIX.”. *Latin American Population History Buletin*, n.28, fall1998, 12 de outubro de 1998. Disponível em: [www.Histumn.edu/~rmccaa/laphb/28fall/laphb280.htm](http://www.Histumn.edu/~rmccaa/laphb/28fall/laphb280.htm). (acessado em 15/11/2005).

<sup>9</sup> Robert Slenes, “Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da Família Escrava no século XIX”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, volume 8, número 16, março/agosto, pp. 199. O autor acredita que os viajantes estrangeiros compartilhavam certas noções com os brasileiros bem nascidos, como por exemplo “a imagem deformada do próprio negro” e “a influencia de uma ideologia a respeito da escravidão e do trabalho livre”, especialmente na segunda metade do século XIX.

<sup>10</sup> O método sugerido por Moreira Leite para tentar minimizar os problemas — encontrados nas narrativas dos viajantes — está em investir em notas biobibliográficas dos autores e fazer comparações entre os mesmos. Ver: Leite, *Livros de viagem (1803-1900)*, op. cit., pp. 14-23.

<sup>11</sup> Manet assim dirige-se a sua mãe acerca das mulheres “brasileiras”, em 1849: “Nas ruas não se encontram senão negros e negras, os brasileiros pouco saem de casa as brasileiras ainda menos. Estas são vistas apenas no momento em que vão à missa, ou à tarde, após o jantar, quando ficam em suas janelas.” Ver: BENTO, Antonio. *Manet no Brasil. Estudo comemorativo da passagem da visita do pintor no Rio de Janeiro*. Ministério da educação e da Saúde, [s/dt], p. 84.

<sup>12</sup> LUCCOCK, op.cit., pp. 81-82; DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1982, pp. 128-129; GRAHAM, op. cit., p.335; KIDDER, op.cit., p. 188; EXPILLY, op. cit., 1862, p. 401.

<sup>13</sup> Segundo Lúcia Martins, os viajantes norte-americanos e ingleses tinham uma imagem de organização doméstica diferente dos lares brasileiros. Para os mesmos tal organização estava centrada na figura da mulher: a dona-de-casa. No caso do Brasil, o trabalho estava centrado na figura do escravo doméstico, desse modo às famílias estavam condenadas à degeneração moral por conta do trabalho dos cativos. Ver: Martins, 2001.:50-58.

---

<sup>14</sup> Ver: WISSENBACH, 1993; KARASCH, 2000; ALGRANTI, 1988; NOGUEIRA, 1988; SOARES, 1988; também de Soares, “Os escravos de ganho no Rio de Janeiro do século XIX”. *Revista Brasileira de História*, n. 16, 1988, pp. 107-142.

<sup>15</sup> Debret, em 1816, considera a lavagem de roupa como uma indústria e atribui o seu desenvolvimento à numerosa presença de estrangeiros, como também às casa de cômodos inglesas e francesas. Ver: DEBRET, 1982: 274.

<sup>16</sup> *Jornal do Commercio*, 1º de janeiro de 1849.

<sup>17</sup> Respectivamente: *Jornal do Commercio*, 25 de maio de 1874; 30 de maio 1874; 3 de janeiro de 1860 e 31 de maio de 1874.

<sup>18</sup> *Jornal do Commercio*, 14 de setembro de 1864 e 9 de janeiro de 1860.

<sup>19</sup> *Jornal do Commercio*, 21 de setembro de 1840 e 10 de novembro de 1840.

<sup>20</sup> Segundo Mary Karasch, os africanos orientais transformaram a composição étnica do Rio de Janeiro e tornaram-se uma das maiores nações na população escrava no Rio de Janeiro após 1830, chegando a representar um quarto do total da mesma. Ainda sobre os moçambiques, a autora descreve a opinião do viajante americano Ewbank, que considerava tais africanos como os melhores entre as outras nações escravas, por serem mais inteligentes, pacíficos, fiéis e confiáveis. Ver: KARASCH, 2000: 59-63.

<sup>21</sup> *Jornal do Commercio*, 14 de fevereiro de 1845; 7 de janeiro de 1853 e 25 de maio de 1874.

<sup>22</sup> *Jornal do Commercio*, 17 de novembro de 1840; 25 de novembro de 1840 e 29 de novembro de 1840.

<sup>23</sup> *Jornal do Commercio*, 7 de março de 1849.